

A Comunicação do Fórum Social Mundial¹

*Maria Helena Weber**

O artigo aborda o Fórum Social Mundial (FSM), a partir da perspectiva da comunicação abrigada numa esfera pública mundial. Desde 2001, anualmente, milhares de pessoas se reúnem para debater e defender o conceito transformado em slogan: um outro mundo é possível. Um mundo que contraria a ordem econômica internacional, através das ações, discursos e debates políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais do Fórum Social Mundial. Questões, movimentos, etnias, injustiças têm obtido visibilidade na mídia internacional, da mesma maneira que o funcionamento do FSM tem gerado espaços próprios de comunicação. Sua existência tem provocado, teórica e tecnicamente, o campo da política, da sociologia e o campo da comunicação, sendo este o limite do artigo. Entende-se que o FSM é um objeto de pesquisa privilegiado para a discussão dos conceitos de espetacularização, mediação e mídiatização; as novas configurações da esfera pública; as redes de comunicação e as novas mídias; as relações estratégicas de poder entre mídia, política e sociedade e, a construção da imagem pública na visibilidade da cidadania.

Espectáculo, Mídiatização, Fórum Social Mundial

The article approaches the World Social Forum (WSF) from the perspective of communications in a worldwide public sphere. Every year since 2001, thousands of people get together to discuss and argue in favor of a concept that has become

* Professora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Mestre em Sociologia (UFRGS). Pesquisadora do CNPq. Vice-presidente da COMPÓS, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (2003/2004). Autora do livro *Comunicação e Espetáculos da Política* (2000). Escritora. maria.weber@ufrgs.br

a slogan: another world is possible. A world that goes against the international economic order, through actions, speeches and political, economic, social and environmental debates at the WSF. Issues, movements, ethnic groups, and injustices have gained a great deal of visibility in the international media at the same time that the Forum's structure has created its own spaces for communication. The Forum's existence has instigated, theoretically and technically, the fields of politics, sociology and communications which is the main issue of this article. The World Social Forum is understood as a privileged object of research to discuss concepts of spectacularization, mediation and mediatization in relation to new configurations of the public sphere; the communications networks and the new media; the strategic power relations between the media, politics and society; and the construction of a public image for the citizens' rights and participation.

Spectacle, Mediatization, World Social Forum

Um outro mundo é possível é o slogan cunhado pelo Fórum Social Mundial (FSM) transformado em bandeiras e hinos como expressão de uma utopia que pretende sobrepor a paz à guerra; o poder político ao financeiro; os valores sociais aos individuais; a diversidade à discriminação. Trata-se da grande esfera pública, da grande assembléia da humanidade organizada anualmente para gritar contra a ordem econômico-política internacional, que pretende governar e regular a qualidade de vida da humanidade e seus países. Pode ser entendido como a manifestação mais visível contra a globalização, discurso que justifica a predominância do capital sobre a política.

O FSM se impôs como espaço alternativo, o *território social mundial*, como resistência à ordem constituída num mundo justificado pelas novas tecnologias da comunicação, pelo controle do econômico sobre o político, pela midiaticização do pensamento e pelo "esmaecimento do afeto"², na homogeneização do gosto e a desumanização da vida. Como alternativa ao "pensamento único", a pluralidade de idéias, debates, idiomas, etnias do Fórum se impôs junto aos meios de comunicação do mundo inteiro e pode ser ouvido durante sua realização ou usado simbolicamente como referência uníssona nas manifestações do mundo inteiro contra a invasão norte-americano ao Iraque (2003), por exemplo.

A comunicação do Fórum Social Mundial e a comunicação sobre as dores e as diferenças do mundo. Desde 2001, anualmente, o FSM atrai milhares de pessoas e instituições cujo compromisso é dar visibilidade aos problemas da humanidade e ao mesmo tempo mostra a pacífica convivência entre credos, raças, etnias, idiomas e práticas religiosas e se posiciona contra a globalização e os sedutores processos neo-liberais, naturalizados como a nova ordem mundial.

Inicialmente o FSM foi cunhado como o Fórum Social Mundial de Porto Alegre pois essa foi a cidade escolhida para sediar o primeiro FSM já que experimentava a experiência de um governo dito de esquerda, durante 16 anos (1989/ 2004) governada pelo Partido dos Trabalhadores. Ali ocorreram, também as edições do FSM 2001 (25 a 30 de janeiro), FSM 2002 (31 de janeiro a 5 de fevereiro); FSM 2003 (23 a 27 de janeiro) e o FSM 2005 (26 a 31 de janeiro)³. O

FSM 2004 ocorreu em Mumbai (Índia), de 16 a 21 de janeiro e o FSM 2006 foi transformado em Fóruns Sociais Mundiais policêntricos sediado em 3 diferentes cidades: Bamako (Mali - África) de 19 a 23 de janeiro; Caracas (Venezuela) de 24 a 29 de janeiro e em Karachi (Paquistão/ Ásia), de 24 a 29 de março.

O Fórum Social Mundial é uma poderosa esfera pública mundial, capaz de expressar a pluralidade e a complexidade da sociedade, sem a interferência do Estado e dos governos, a não ser na condição de anfitriões. O FSM é resultado de investimentos de instituições e entidades vinculadas à esquerda e viabilizados por patrocínios privados selecionados a partir de determinadas condições, conforme especificação no próprio *site*, encontros, manifestações, reuniões, presenças de autoridades internacionais, cientistas, militantes, debates e conagração entre culturas, idiomas, práticas culturais e religiosas fortalecem o FSM como espaço único onde pode ser identificado um processo de construção simbólica de um outro mundo. Essa é a sua força somada à sua capacidade de criar confrontos estratégicos, com o corpo e a voz, contra aqueles que lucram com a globalização. O inimigo permanente é o fórum antagonico que reúne, tradicionalmente, o grupo das oito grandes potências econômicas, o G-8.

Em suas seis edições, o FSM registrou a presença de mais de 1 milhão de pessoas, centenas de organizações não governamentais, movimentos sociais e centenas de mídias e jornalistas. Grande parte desse público qualificado dotada de legitimidade para repercutir decisões e discursos ali desenvolvidos. O Fórum Social Mundial foi sendo constituído como uma grande esfera pública na reunião das diferenças e na interlocução que gerou um dialeto comum que permitiu o entendimento sobre a qualidade da vida humana e a do planeta. Transformou-se no espaço público emblemático onde uma nova sociedade e novas relações sociais, culturais e políticas são entendidas como possíveis e decididas por essa "*assembléia da humanidade/ una asamblea de la humanidad*" (Abin, 2002) que representa "*5 bilhões de pessoas*" (Ramonet, 2000: 57).

Muitas são as questões suscitadas pela singularidade e o poder do Fórum Social Mundial de Porto Alegre entendido como objeto

de pesquisa privilegiado para muitos campos do conhecimento por ser um pólo de atração de milhares de pessoas e centenas de organizações, sem vínculos com os governos e seus compromissos político-econômicos. Como tal, criaram um estatuto e um conceito defensável em qualquer cultura e por idioma universal compreendido por todos aqueles que desejam um mundo mais humanizado. A amplitude e a complexidade dessa idéia, aparentemente natural, foi ampliada através de vozes e organizações que foram se posicionando nos campos econômico, político, ecológico, cultural, tanto na mídia da maioria dos países como junto às poderosas organizações e governos responsáveis pela ordem política internacional.

O Fórum gerou milhões de palavras e ações que têm provocado, teórica e tecnicamente, o campo da política, da sociologia e o campo da comunicação. O objetivo deste trabalho é identificar algumas destas questões relacionadas ao campo da comunicação, considerando que a sua visibilidade e a repercussão de suas atividades fornecem argumentos para que sejam discutidos os conceitos de espetáculo, mediação e mídiatizações nessa configuração da esfera pública; as redes de comunicação e a Internet; as relações estratégicas de poder entre mídia, política e sociedade e a visibilidade da cidadania. A idéia das redes de comunicação permitidas pela tecnologia digital .

O modo de funcionamento do FSM, assim como a repercussão de suas atividades e a sua respectiva programação o tornaram pauta obrigatória para os meios de comunicação de todo o mundo. Ao mesmo tempo, planejou estrategicamente suas formas específicas de comunicação, possíveis a partir de sua independência em relação aos investimentos publicitários e à mídiatização.

O poder do FSM

O nascimento do Fórum Social Mundial foi um surpreendente investimento político que se impôs pelo impacto, primeiro, como reunião exótica e, definitivamente, como o lugar de reconhecimento de que a sociedade estava viva e que a sua voz poderia incomodar e deslocar o pensamento único que naturaliza a sub-

missão dos povos, a miséria, a doença e a destruição do meio ambiente. Impôs-se como um *espetáculo político autônomo*⁴ com a magnitude suficiente para provocar a ortodoxia estética das mídias e delas exigir atenção, tempo e espaço. A existência do FSM inicia por decisão do movimento ATTAC – Associação pela Taxação das Transações Financeiras para Ajuda aos Cidadãos⁵, e do jornal francês *Le Monde Diplomatique*, a partir da idéia dos brasileiros Oded Grajew e Francisco Whitaker (Whitaker, 2002). O primeiro FSM realizado em janeiro de 2001, em Porto Alegre foi a demarcação tática, ocorrendo no mesmo período do Fórum Econômico Mundial de Davos, cujos integrantes balizam procedimentos financeiros que pretendem determinar o “funcionamento do mundo” e, desde 1971, cumprem papel estratégico na configuração do neoliberalismo e suas agressivas conseqüência reunidas na chamada globalização.

Entende-se como poder do FSM a sua dimensão atratora de milhares de pessoas que se deslocam de centenas de países e, de modo organizado, se reúnem para se fazer ver, para comunicar a diferença, para registrar a resistência possível a uma ordem estabelecida por interesses econômicos, pela destruição do outro. Um poder mantido pela capacidade de resgatar idéias e valores mais próximos da humanidade do que aqueles que os representantes formais dessa humanidade dizem defender. Os movimentos sociais, grupos organizados, entidades e comunidades mostram as novas formas de resistência. Somadas a antigas bandeiras da igualdade social, hasteadas sob ideologias de esquerda ou, no entendimento de Castells (1999b:28), como “prolongamento da resistência comunal” com uma “identidade destinada à resistência”.

Entende-se o poder do Fórum como poder da comunicação entre a humanidade, entre as diferenças, entre os medos, que possibilita a construção de um pensamento de um discurso sustentador de uma outra perspectiva para o mundo. Assim as milhares de pessoas que participam dos eventos do Fórum saem como testemunhas da força de movimentos e organizações sociais e, na sua comunicação, podem provocar mudanças.

A existência do Fórum Social Mundial é sustentada por uma *Carta de Princípios*⁶ que o caracteriza e demarca as discordâncias sobre o padrão de relações econômicas, sociais, políticas e as práticas excludentes da globalização, ao se definir como:

um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária centrada no ser humano. O FSM se propõe a debater alternativas para construir uma globalização solidária, que respeite os direitos humanos universais, bem como os de todos os cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.

A organização do FSM é feita por um Conselho Internacional⁷ formado por centenas de entidades que sintetizam a diversidade e a amplitude das culturas e dos debates ali abrigados envolvendo milhares de pessoas que se mobilizam em torno da construção possível de novas relações e modos de melhor viver e estar no mundo, através de ações e discursos cujo idioma comum é o reconhecimento.

Nessa direção, centenas de atividades e debates são protagonizados por intelectuais e ativistas do mundo inteiro em torno de temas decorrentes dos *eixos temáticos* cuja denominação sintetiza as bandeiras centrais de luta e as questões que estabelecem a diferença entre pobres e ricos, dominantes e dominados. Como exemplo, a inclusão da comunicação nos eixos temáticos a partir do FSM 2002. Em 2001, a visibilidade do FSM ficou por conta dos seguintes eixos temáticos: A Produção de Riquezas e a Reprodução Social; o acesso às Riquezas e a Sustentabilidade; a Afirmação da Sociedade Civil e dos Espaços Públicos e o Poder Político e Ética na Nova Sociedade. A discussão sobre os meios de comunicação foi incluída no Eixo III com temas como Monopólio da Informação, Internet, Rádios comunitárias, Agências de informação alternativas, Acesso à TV, Espaço público na comunicação de massa e outros. Cabe ressaltar o evento paralelo agregador de dezenas de atividades denominado Seminário Nacional Rede Brasil de Comunicação Cidadã. O FSM 2002 amplia os

conteúdos de seus Eixos Temáticos e as questões políticas, culturais e sociais vinculados ao poder dos meios de comunicação são incluídas como eixo temático agregador às dezenas de debates, oficinas e conferências como o Eixo III (Mídia, cultura e contra-hegemonia) mantendo-se em todos os demais sob diferentes titulações.

O funcionamento do FSM obedece a uma metodologia específica e a critérios que definem as características e o perfil dos participantes em Conferências, Painéis, Testemunhais, Seminários, Oficinas, Mesas de diálogo e controvérsia. Cada uma destas atividades tem objetivos e ações estratégicas de participação e visibilidade e seu funcionamento possibilita uma acirrada discussão de ordem teórica a um grande espetáculo, devido à combinação e aos estranhamentos entre tipos humanos, etnias, indumentária, vozes, músicas, religiões, ideologias que se encontravam nos diferentes espaços dessa esfera pública, devidamente justificados, tais como: *as conferências* "têm a finalidade de socializar visões e análises para o grande público do Fórum Social Mundial" sendo no mínimo uma por eixo temático; os *painéis*, "estruturados por eixo temático, são, por excelência, o mapa de ações e a face pública do FSM como Fórum da sociedade civil mundial"; os *testemunhos* "são depoimentos de personalidades (...) cuja ação em prol da liberdade e da dignidade humanas apontam caminhos para um novo mundo"; *as mesas de diálogo e controvérsia* "são um espaço específico no interior do FSM para confrontar visões e propostas de delegados com convidados de partidos políticos, governos e organizações da ONU"; os *seminários* são "espaços de reflexão conjunta sobre o 'estado da questão' e (...) Trata-se de um momento essencial para a elaboração conjunta"; as *oficinas* "são a fábrica do Fórum, uma espécie de laboratório civil mundial, e têm a finalidade de permitir o encontro, a troca de experiências, a articulação, o planejamento e a definição de estratégias de grupos, coalizões, redes, movimentos, organizações, sempre pensando em sua ação presente e futura"; os *atos políticos* organizados em torno de temas e campanhas; as *coletivas de imprensa* com o objetivo de "dar uma versão integrada do desenvolvimento dos trabalhos, particularmente das confe-

rências e dos conjuntos de propostas discutidos durante o FSM”; os *Fóruns especiais* com temáticas específicas como o Fórum de Autoridades Locais e o Fórum de Parlamentares; a *Programação cultural* planejada para que “fortaleçam a mensagem e a identidade pública do FSM como evento político-cultural”; os *Acampamentos* como o Acampamento da Juventude e Acampamento Indígena que “desenvolverão também programações específicas”; os *Cursos* planejados como aulas em torno de “temas conexos” aos eixos temáticos; os *Encontros* realizados em torno de conferência por “pessoas envolvidas em determinado assunto ou tema para avaliar o estado da questão”; os *Debates* constituídos como um “momento de confronto de pontos de vista sobre uma questão”; as *Mostras* que reúne obras afins para “apresentação ou exibição pública”; as *Celebrações com* a “realização de cerimônia pública, religiosa” reunido todos os participantes; as *Reuniões* efetuadas por “agrupamento de pessoas num mesmo local para tratar assunto de interesse comum”; as *Audiências* como “atividades complementares de diálogo e controvérsia sobre projetos políticos de caráter multilateral”; a *Animação cultural* caracterizada por “atividade com técnicas culturais para despertar sentimentos e idéias” e a *Programação Cultural* constituída pela “Marcha de abertura, obras coletivas, shows no Pôr-do-Sol, Teatro, dança, música, exposições, oficinas, exposições e outros”. (www.forumsocialmundial.org.br, acessado em 20/08/2003).

O Fórum Social Mundial, entendido como esfera pública, amplia a cada edição espaços de comunicação e de interação, nos quais os participantes, através da argumentação, permitem que causas sejam defendidas, injustiças reconhecidas e projetos ampliados. Esta esfera se amplia também com os Fóruns Sociais Regionais e Temáticos, nacionais e internacionais que ocorrem previamente bem como centenas de Comitês de Mobilização Brasileiros organizados como

parte do processo de construção e mundialização do Fórum Social Mundial. Assim como o FSM, os Fóruns Regionais são espaços abertos de encontros para o debate democrático de idéias, a formulação de propostas e a troca livre de

experiências de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem à globalização neoliberal. São chamados de "regionais" porque acontecem em âmbito macro-regional. Seguem a metodologia e os critérios políticos estipulados pela Carta de Princípios do FSM e têm como objetivo aproximar o Fórum Social Mundial da realidade dos movimentos e entidades sociais nas diversas regiões do mundo e vice-versa. (www.forumsocialmundial.org.br)

O poder do FSM pode ser visualizado também em números (*Quadro 1*) que apontam para significativas quantidades de pessoas e atividades dirigidas à constituição dessa importante esfera pública. O FSM pode ser uma das respostas à afirmação de Bauman (2000:9) que inicia o livro *Em busca da política*, com a frase "As crenças não precisam ser coerentes para que se acredite nelas." A seguir refere-se à questão da liberdade que "pelo menos na 'nossa parte' do mundo está concluída" mas questiona:

Se a liberdade foi conquistada, como explicar que entre os louros da vitória não esteja a capacidade humana de imaginar um mundo melhor e de fazer algo para concretizá-lo? E que liberdade é essa que desestimula a imaginação e tolera a impotência das pessoas livres em questões que dizem respeito a todos?

O Quadro 1, sobre a participação no FSM, é restrito a informações obtidas em diferentes fontes e, portanto, sujeitas a imprecisões e ausência de dados.

Outros dados importantes podem ser obtidos junto ao IBASE com a pesquisa realizada com os participantes de 2003, 2004 e 2005. Por exemplo, a idade predominante nessas três edições é de pessoas entre 14 e 34 anos que totalizam, respectivamente, 63,2% em 2003, 62,5% em 2004 e 70,8% em 2005. Os percentuais restantes relacionam-se à faixa de 35 a 54 anos. Esses participantes possuem alto nível de escolaridade, conforme a pesquisa, sendo que 67,9 % possuem o Curso Superior (Completo e Incompleto), 21,4% tem de 5 a 12 anos de estudo, 9,8% possuem Mestrado/ Doutorado e 0,9% têm até 4 anos de estudo. Esta pesquisa definiu, também, o tipo de ocupação obtendo os seguintes resultados: 40,8% são estudantes; 17,5% funcionários públicos; 11,5% são empregados de ONG/ entidade da sociedade civil/ partido político/ sindicato; 8,9%

Quadro 1 – PARTICIPAÇÃO NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL	PAISES	PARTICIPANTES	DELEGAÇÕES	ORGANIZAÇÕES/ MOVIMENTOS SOCIAIS	ATIVIDADES	ACAMPAMENTO DA JUVENTUDE
FSM 2001 - PORTO ALEGRE (25 a 30 /01/2001)	117	20 mil	4.706	-	561	2.500
FSM 2002 - PORTO ALEGRE (31/01 a 5/02/2002)	131	51.300	12.274	4.909	745	12 mil
FSM 2003 - PORTO ALEGRE (23 a 27/01/2003)	156	100 mil	20.763	5.717	1.650	24 mil
FSM 2004 - MUMBAI (ÍNDIA) (16 a 21 /01/2004)	117	111 mil	1.653		1.203	2.723
FSM 2005 - PORTO ALEGRE (26 a 31/01/2005)	151	155 mil	6.872		2.500	35 mil
FSM 2006: Fóruns Sociais Mundiais policêntricos						
FÓRUM BAMAKO (MALI) (19 a 23/01/2006)		10 mil (?)			160	2.500
FÓRUM CARACAS (VENEZUELA) (24 a 29/01/2006)		80 mil		2.500	2000	
KARACHI (PAQUISTÃO) (24 a 29/03/2006)		30 mil			522	

Fontes: Comitê Organizador do FSM www.forumsocialmundial.org.br; www.attac.org; www.estado.rs.gov.br; PROCERGS www.procergs.gov.rs; www.agenciacar-tamaior.uol.com.br; www.ibase.br

empregados de empresa privada; 8,4% são autônomos e outras ocupações totalizam 12,9%.

A pesquisa aborda também a filiação dos participantes a partidos políticos e a participação em movimentos ou organizações sociais. Os dados apontam que de 2003 a 2005 73,6% não eram filiados a partidos políticos e 23,4% sim. No entanto, 55,4% participavam de movimentos ou organizações sociais e 44,1% não.

Globalização x humanidade

O Fórum Social Mundial foi constituído com a força encontrada nos movimentos sociais e se tornou um privilegiado espaço de desequilíbrio político-social, ao confrontar o discurso monopolizado pela inevitável globalização que justificaria quaisquer intervenções políticas, económicas e, conseqüentemente, sociais. Este confronto passou a questionar, desde 2001, a transformação do mundo em um grande mercado e a substituição de valores ditos da humanidade, por padrões e fórmulas lucrativas. A comunicação mercadológica substitui a comunicação social e marca as feições da contemporaneidade, gestada com requintes, no século XX. Como um grande movimento mundial, o FSM foi organizado para ocorrer em Porto Alegre, uma cidade emblemática para a esquerda brasileira e internacional, politicamente diferenciada por experimentar a “administração popular” e um tipo de democracia participativa, através do Orçamento Participativo, durante 4 governos. O apoio à realização do FSM veio desse governo e do Partido dos Trabalhadores e se restringiu a isso na medida que ele é a grande estratégia de entidades, associações e organizações não-governamentais – ONGs, entidades, indivíduos e grupos organizados⁸ que viabilizam a reunião de milhares de pessoas para falar e debater o mundo, a partir de parâmetros humanistas e sociais. Reúnem-se no Fórum, em milhares de atividades, os representantes de um mundo não representado pelos governos, abordando temáticas estranhas ao discurso sobre a nova ordem mundial económica.

Os movimentos sociais se fortalecem com as organizações não-governamentais a partir das décadas setenta/oitenta quando os governos passam a demonstrar sua incapacidade em dar soluções a problemas de ordem social. Nos anos noventa as revoluções sociais encerram um ciclo e pode-se dizer de modo simplista que o fim da Guerra Fria provoca uma aproximação entre a sociedade e estas organizações no sentido de um trabalho comum junto ao Estado visando mudanças sociais. É o resultado do fortalecimento do capitalismo cujo registro emblemático ocorre em 1989, com o

chamado Consenso de Washington que define os novos critérios de cooperação entre países e para o desenvolvimento financeiro. Steil (2003:15) afirma que

o mandato das ONGs desloca-se do serviço aos Movimentos Sociais para o de agentes políticos e sociais diretos no campo da intervenção e da representação dos interesses dos grupos sociais marginalizados ou discriminados em seus direitos. E, ao se apresentarem como os novos atores centrais dentro do Terceiro Setor, as ONGs também assumem o lugar da mediação do consenso entre Estado, Mercado e Comunidade.

Na década de 90 há uma naturalização das justificativas sobre a definitiva ordem capitalista para o mundo com a revolução tecnológica, a globalização e o neo-liberalismo, como um processo incontrollável, como o *pensamento único*, conforme referência de Batalha (2006:104) citando o título do editorial do jornal *Le Monde Diplomatique*, assinado por Ignácio Ramonet, *La pensée unique* que propõe “estimular o debate de idéias em busca de alternativas”.

São novas as configurações dos movimentos sociais nestes tempos repletos de guerras marcadas com investimentos financeiros ou sangue na terra. O debate do FSM diz ‘não’ a essa nova ordem mundial, onde a história aparece restringida por conceitos estratégicos da globalização e como a paisagem funcional em permanente mutação de acordo com os poderes políticos, econômicos e midiáticos que alteram as dimensões da política e do comportamento da sociedade. Nessa perspectiva, as mídias constituem o espaço estratégico para o exercício de todos esses movimentos que necessitam de visibilidade. Sob a égide da globalização, que torna dependentes e integradas a economia, a política e a cultura a “era do consumo” se impõe até como espaço de exercício da cidadania (Canclini, 1995) ou criticada como justificativa para a uma *ética indolor* (Lipovetsky, 1994). A emancipação do homem se justifica nos inteligentes avanços da tecnologia e na capacidade de representar diferentes papéis, mas não via sua própria humanidade.

A contemporaneidade está marcada pela queda de muros ideológicos, utópicos e éticos, onde tudo parece tão possível quanto ultrapassado. Assim se mantém o discurso e as argumentações

sobre o desenvolvimento sob a égide da globalização. Nos embates conceituais travados no FSM sobre democracia, emancipação social e qualidade de vida, cabem os discursos sobre o fim da história e das ideologias contrariando a participação do homem na construção do seu futuro. Cabe a discussão sobre a derrota do projeto comunista e a exacerbação do capitalismo; sobre a promiscuidade entre público, privado e íntimo; as super estradas da informação e a falta de energia; as lutas ecológicas ultrapassando as lutas políticas; a morte para preservar identidades e fronteiras territoriais e étnicas; sobre as novas sociabilidades, sexualidades e identidades.

Os debates dos Fóruns se colocam em defesa da humanidade e contra aquilo que Jameson (1990: 88) denomina de mudanças no *"bojo de uma reestruturação do capitalismo tardio como sistema"*. A grande estratégia seria a simulação de que todos têm acesso a tudo, logo todos podem ter tudo e todos no mundo podem ser iguais, na igualdade de consumir. A sensação fortalecida nos movimentos autorizados de poder consumir o todo e todos para poder pertencer às mesmas categorias sociais, em qualquer parte do mundo. Através das manifestações e objetos culturais, a política se comunica e mostra-se atraente e, em nome de objetos e textos comuns globalizados, está a idéia vazia de pertencimento e igualdade com o mundo. A parte bela do mundo. Avanços tecnológicos e os complexos arranjos econômicos não solucionaram - ao contrário-, agravaram as questões com a desigualdade e desequilíbrio social, através da restrição à educação, à saúde e a diminuição cada vez maior de acesso à moradia, alimentação e vestuário.

Enfrentando o sedutor discurso das mídias e a lógica publicitária, as edições do FSM apontam para o resgate de novas utopias onde o centro é a humanidade e seus valores culturais, ambientais e sociais. Mesmo com a imposição de padrões de comportamento que indicam os modos de agir e pertencer ao mundo autorizado pelos modos de produção, consumo e circulação de bens simbólicos. No plano econômico-político, as mudanças ocorrem nas práticas de produção, administração, bem como nas relações entre o capital e trabalho determinados pela globalização. Novas exigências são

formuladas decorrentes de novas tecnologias, novos mercados de trabalho e exigências de qualificação visando padrões e processos de produção e consumo. O debate proposto pelo FSM traz à tona todas estas questões e torna-se um pólo de atração, um lugar político, onde a ordem social pode ser pensada, onde a resistência a uma história pré-formatada se concretiza. Portanto, o conceito globalização é emblemático e agregador no discurso do FSM porquanto entendido como conceito-inimigo que mantém o argumento de supremacia da lógica do capital sobre a vida política e o cotidiano dos habitantes como uma "uniformização planetária" (Latouche, 1994).

Globalização significa falar em mercado, consumo e comunicações mesmo que nem todos os habitantes do mundo tenham acesso. Várias são as definições para se tentar entender a grandiosidade e as radicais mudanças às quais estado, sociedade e indivíduos estão submetidos a "relações de interdependência, dependência, colonialismo, imperialismo, bilateralismo, multilateralismo" (Ianni, 1996:13). Dessas relações explicam-se, aparentemente, as mudanças em todas as esferas da vida e do conhecimento humano, como parte da globalização, conceito imposto como discurso hegemônico sobre a redução, integração ou alargamento das fronteiras do mundo. Há muitas categorias, imagens ou idéias capazes de definir e justificar a globalização e seus vínculos de ordem ideológica, artística, econômica, política, filosófica, religiosa, histórica, demográfica, lingüística, epistemológicos⁹. Para além das metáforas, a evidência sobre a globalização é a sua direção econômico-política tangível nos números e negociações que mostram a internacionalização do capital e a decorrente interdependência dos países e nações. A sociedade global é o conceito que mais tem gerado especulações sendo pensada em "âmbito transnacional, mundial ou propriamente global, mesmo quando continuam a pensar a nação" (Ianni, 1996:190-1). O autor justifica afirmando que esta "problemática" pode ser identificada em todos os estudos e interpretações que utilizam os diferentes termos para mostrar os mecanismos da globalização¹⁰. Marcado pela globalização, o estado-nação aparece debilitado entre a incapacidade de resolver problemas étnicos e as forças que impulsionam para a

economia global (Lasch,1996). O nacionalismo é atacado pelos defensores das particularidades étnicas e raciais assim como aqueles que argumentam que a paz reside na internacionalização de tudo, da moeda à arte. Outras questões se interpõem nas perguntas sobre a sobrevivência da democracia e o distanciamento entre os discursos sobre a cidadania e o seu exercício real. Lasch (p.81) ressalta o reconhecimento da igualdade de direitos é uma condição necessária mas não suficiente para que haja cidadania democrática. Implícito a este exercício está a participação nas responsabilidades econômicas e política. Assim como a democracia exige cidadania, exige também uma ética mais vigorosa do que a tolerância e esta não é tão grave para a democracia quanto a indiferença.

Uma das grandes marcas da mudança nas relações sociais, políticas e econômicas da contemporaneidade (pós-modernidade) é a comunicação mediatizada viabilizada por complexos sistemas tecnológicos, onde a Internet faz a ligação do mundo. Um tipo de comunicação que criou novos modos de conviver e de individualizar. A mudança reside na expansão da informação e do consumo globalizados e como identifica Chesneaux (1995, p.192) “neste final do século XX, o capitalismo transbordou a esfera da produção propriamente dita, a qual integrava seu assento histórico (a manufatura) e sua base conceitual (o modo de produção capitalista). Neste sentido, a expansão imaterial do capitalismo (...) vem assim roer e desagregar as estruturas da vida social, fazê-las oscilar, subverter-lhes o sentido”.

De modo dialético é nesse debate que se cria o Fórum Social Mundial que, sem negar as características da globalização, contra elas se insurge e propõe a simplicidade que é a inclusão do pensamento sobre a humanidade. E faz isso reunindo centenas de entidades com capacidade de repercutir e dizer não ao *pensamento único* e previamente justificado.

A constituição do FSM nos coloca diante do caro conceito habermasiano de *esfera pública*. A comunicação do FSM parece indicar que é possível recuperar o conceito de esfera pública política tanto no sentido tradicional formulado em *Mudança Estrutural da Esfera*

Pública (Habermas, 1984) quanto na dimensão da esfera atravessada pelos meios de comunicação de massa, entendendo-a como vital para o conceito de democracia. A visibilidade e a expressão de milhares de pessoas que, de modo estratégico e organizado e com *racionalidade* podem *argumentar*, defender e encaminhar publicamente a defesa de temas, proposições e mudanças relacionados à cultura, aos governos, condições sociais, ambientais, dirigidos aos governos nos coloca diante do poder desta esfera.

Embora os governos, especialmente do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, apoiassem a realização do FSM, não existia espaço para a sua interferência nos debates do FSM enquanto instituição. Evidente que dirigentes políticos de projeção nacional e internacional participam, falam e são ouvidos. Identificar os processos de comunicação do Fórum é mostrar um espaço privilegiado de argumentação pública sustentada pela sociedade em torno da possibilidade de construção de "um outro mundo", ou como diz o slogan "um outro mundo é possível". É o debate público por excelência num espaço público ocupado por interesses públicos, sem hierarquia e sem marcas de poder, por indivíduos e por organizações representantes destes indivíduos. Assim o sujeito, o cidadão adquire visibilidade e legitimidade, através de argumentos racionais em debate, em competição pública e entendimento, na forma de discussão temática, de contraposições, interlocuções, defesas e réplicas de posições sobre a política internacional e o *modus vivendi*. O poder do discurso não está com as autoridades constituídas, pois o espaço é das instituições, movimentos, a sociedade civil organizada e indivíduos. É o lugar de fala da humanidade, indicativo de uma esfera pública fundada sobre o acesso de todos ao debate e assim, também, o lugar de constituição da opinião pública e da formação de públicos com a produção de informações e sua respectiva difusão. O debate crítico sobre fatos e temas tensionarão outras esferas de poder.

No FSM os participantes não representam os órgãos governamentais e defendem temas com repercussão para vida, economia, política de toda a humanidade a partir da perspectiva privada, isto é,

quando o sujeitos não obedecem ao estado. Não se trata de confundir com a *esfera privada* lugar das relações de produção e mercado e a *esfera íntima* caracterizada pela família. Aos segredos de DAVOS se contrapõe o barulho do FSM, ou seja, às decisões arbitrárias e secretas de alguns governantes e instituições com intervenção na economia e política de estados, se colocam os indivíduos em comunicação e debate sobre a economia e a política que determina a vida. Sua e a de outros. Está criado o confronto e demarcado o poder da esfera pública. Como afirma Gomes (1997),

as mudanças no contexto social que atingem decisivamente as bases da esfera pública inserem particularmente ao quadro de contrastes onde emergia a sua necessidade. Entram em crise seja a dimensão polêmica da esfera pública burguesa, como também a sua não menos importante dimensão mediadora, enquanto âmbito de legitimação argumentativa das posições privadas por meio de discussão conduzida racionalmente por homens privados reunidos num público, enquanto, por conseguinte, âmbito de determinação do legítimo e do razoável no que tange ao bem comum.

O FSM é a marca de que há uma nova configuração da esfera pública, com formatos e meios de comunicação próprios e massivos e merece ser estudada, especialmente, quando a participação, o debate e o acesso à comunicação não estão vinculados à propriedade de bens, classe social ou capacidade de intervir diretamente no poder. Ao contrário, são estas vozes sem espaço na mídia e nos governos que se reúnem e debatem e pretendem interferir discursivamente e simbolicamente, nas decisões políticas e econômicas internacionais. No FSM existe a instância das mediações argumentativas e racionais entre a esfera pública e a esfera privada. Mesmo incluindo o jogo de interesses - entre os poderes legislativos e executivos assim como o dos partidos que reduziria a capacidade de escolha do público à indicação plebiscitária, substituindo o debate racional pelo discurso sedutor e a essencial argumentação por estratégias e manipulação e convencimento -, pode-se identificar a existência de um discurso cuja força argumentativa (número de pessoas e difusão mundial) intervém junto à política e aos governos sem deles participar. Num determinado plano trata-se de uma comunicação pública crítica e resistente à manipulação.

Os meios de comunicação, que tem se caracterizado como grandes organizações e como instâncias de defesa de debates de interesse particular, político e mercadológico, também são tensionados a incluir informações sobre o FSM, mesmo que diagramadas de acordo com interesses diversos dos objetivos do FSM. Ao mesmo tempo que são defendidos as ações do mercado o são da democracia em nome do bem comum, mas que na verdade são os bens de alguns, o bem particularizado. Como afirma Habermas (1984:234)

as organizações buscam conquistar, junto ao público intermediado por elas, uma entusiástica aprovação que ratifique formações de compromisso sujeitos ao crédito público, ainda que desenvolvidos grandemente a nível interno, ou ao menos tratam de assegurar a sua passividade repleta de boa-vontade - seja pra transformar tal concordância em pressão política, seja para, à base da tolerância alcançada, neutralizar pressões políticas contrárias .

O FSM mostra que a comunicação e o debate continuam essenciais à defesa de valores no sentido de tensionar o poder político e governos e assim demonstra a validade de se pensar uma esfera pública capaz de utilizar os mecanismos simbólicos, o poder dos meios de comunicação preservando a essencialidade de se fazer ouvir e tentar interferir nas decisões políticos e econômicas. Mais do que se constituir como o eixo das democracias, a esfera pública, talvez seja um lugar destinado à fala universal. Neste sentido, as diferenças são essenciais e mesmo a dimensão estratégica da política criticada por Habermas é importante para a visibilidade do FSM e ajudará a obter validade. Abarca as dimensões particulares, individuais e interesses múltiplos.

Evidentemente que o FSM demonstra ser uma esfera pública com características diferenciadas da esfera de Habermas, mas que nem por isso deixa de ser orientada para um bem comum. É o discurso do FSM que vai obter projeção e sem ter o espaço institucionalizado junto ao poder cria um espaço público que recebe a humanidade e fala. Pontualmente há o debate, a argumentação e a expressão que repercute através de mídias próprias e do grande sistema de comunicação de massa. O FSM se coloca como objeto empírico privilegiado, fundador para que se repense o caro conceito

de esfera pública, como lugar privilegiado de encontro. Esta esfera permite a iluminista relação face a face e simultaneamente gera uma comunicação massiva e engendra espetáculos.

Relacionada às *transformações da política em tempos de comunicação de massa*, é oportuna a afirmação de Gomes (2004:358) sobre a conquista de opiniões e do imaginário social "porque uma parte relevante da atividade política se realiza na arena de disputa pela opinião pública – portanto, realiza-se como política de opinião – (...) que é, sobretudo, competição pelo fazer ver, fazer pensar, fazer sentir". Assim, como o FSM busca as opiniões, a visibilidade, o espaço no discurso da política.

Um dos documentos mais significativos da força desta esfera pública foi o debate público pela TV com transmissão internacional, durante o I FSM, em janeiro de 2001. De um lado do Atlântico, participavam (em Porto Alegre) os principais nomes representantes das entidades sociais e do outro lado, os principais nomes do FEM. O que se assistiu conforme noticiado pelo *Financial Times* foi "uma colisão entre dois planetas, os super ricos globais e o das grandes massas marginalizadas". Registrado como um dos momentos de perplexidade com milhares de testemunhos foi quando, conforme relata Walden Bello (2002: 74), a senhora *Hebe de Bonafini*, da organização Argentina Madres de Plaza de Mayo acusa e pergunta, aos gritos, para o financista internacional George Soros: ¿ "*Señor Soros, usted es un hipócrita. De cuántas muertes de niños es usted responsable ?*"

Sé é possível repensar conceitos de esfera pública é possível repensar o papel da opinião pública e a força da representação social daí decorrente. No mesmo caminho, a discussão sobre a estetização e a espetacularização da política e da sociedade intervêm.

Comunicação e midiaticização

A força e legitimidade internacional do FSM não foram suficientes para transformar seus debates em permanente notícia de primeira página, seja em jornais regionais (Porto Alegre), nacionais

e internacionais. A importância do fato indicaria seu enquadramento em todos os critérios de noticiabilidade de todas as mídias. Mesmo assim, a cobertura não lhe deu a suficiente invisibilidade porque houve a repercussão estratégica em importantes jornais europeus (França, Itália e Espanha) bem como a cobertura para centenas de mídias dirigidas vinculadas a organizações participantes e às alternativas. Nos jornais da grande imprensa, naturalmente, predominava o exótico, os temas de comportamento, ações culturais e a presença das grandes estrelas políticas, artísticas e científicas do FSM.

A participação do jornal *Le Monde Diplomatique*, desde a concepção do FSM é um dos indicadores dessa repercussão, assim como a comunicação em rede entre as organizações, movimentos, grupos e indivíduos. A título de exemplos¹¹, no primeiro ano do FSM (2001), 42 referências foram distribuídas entre a capa e o editorial apontando para o poder do Fórum assim como, ainda em 2001, o jornal espanhol *El País* publica 9 chamadas de capa. O New York Times dedica uma chamada de capa, em 2002 e o jornal italiano *Reppublica*, também neste ano, abre 12 chamadas de capa ao FSM.

A manutenção e a repercussão do FSM se sustenta sobre a comunicação em rede, protagonizada por relações diretas, produção de material informativo dirigido e troca permanente de informações. A chamada grande mídia, sustentada pelos vultuosos investimentos publicitários se torna importante no sentido de "legitimar" o discurso do FSM mas não é indispensável a sua realização. Comprovando a afirmação de Castells (1999:497) sobre a tendência histórica de que "as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno das redes" que "constituem a nova morfologia social de nossas sociedades , e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência , poder e cultura". Foi, essencialmente, a comunicação em rede que viabilizou as edições dos Fóruns e mantém sua visibilidade, sua atração e legitimidade.

A repercussão do FSM está vinculada ao poder da sua representatividade e legitimidade e, como tal, provoca um raro fenômeno que é a supremacia da comunicação, das mediações sobre a

midiatização determinada por táticas de marketing, propaganda e relações públicas que impõem um evento à divulgação a partir de investimentos financeiros (veiculação de anúncios) e de investimentos relacionais (ações diretas com editorias jornalísticas, produção e emissão contínua de informações sobre os fatos e seus principais protagonistas).

A quantidade e a diversidade de jornalistas participantes (Quadro 2) aponta para a difusão do FSM como grande acontecimento com a devida cobertura. Nesse sentido, é possível identificar a grande diferença entre o jornalismo executado pela grande imprensa (de veículos e notícias restritos a investimentos publicitários) e as informações veiculadas em outras mídias (veículos dirigidos a públicos e instituições específicos, de caráter independente ou pouco

Quadro 2 – MÍDIAS E JORNALISTAS NO FSM

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL	PAISES	JORNALISTAS	MÍDIAS
FSM 2001 - PORTO ALEGRE (25 a 30 /01/2001)	117	1870	764
FSM 2002 - PORTO ALEGRE (31/01 a 5/02/2002)	131	3356	1066
FSM 2003 - PORTO ALEGRE (23 a 27/01/2003)	156	4926	1423
FSM 2004 - MUMBAI (ÍNDIA) (16 a 21 /01/2004)	117	3200	644
FSM 2005 - PORTO ALEGRE (26 a 31/01/2005)	151	6283	-
FSM 2006: Fóruns Sociais Mundiais policêntricos			
FÓRUM BAMAKO (MALI) (19 a 23/01/2006)		-	-
FÓRUM CARACAS (VENEZUELA) (24 a 29/01/2006)	11	4900	-
KARACHI (PAQUISTÃO) (24 a 29/03/2006)		-	-

Fontes: Comitê Organizador do FSM www.forumsocialmundial.org.br; ATTAC www.attac.org.br; PROCERGS: www.procergs.gov.rs

dependentes da publicidade). Do ponto de vista acadêmico, raros são os trabalhos nesse sentido, assim como inexistente levantamento sobre as mídias alternativas ou aquelas vinculadas aos movimentos e organizações que registraram o Fórum. (Quadro 2)

As coberturas da mídia brasileiras e da internacional não são indicadores do poder político do Fórum e da grande repercussão gerada pela comunicação em rede e através de mídias independentes, apontando para o debate em torno de esfera pública. A título de ilustração cabe citar, como exemplo, a pesquisa desenvolvida por Marlise Brenol (2003:53) relacionada à produção da dissertação *Fórum Social Mundial: um espetáculo da sociedade e outro da mídia* que registra a importância atribuída por mídias internacionais, nas edições de 2002 do Fórum. Um dos resultados da pesquisa¹² refere-se ao total de reportagens de veículos internacionais nos dois primeiros fóruns. (Quadro 3)

Quadro 3 – COBERTURA INTERNACIONAL SOBRE FSM

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL	PAISES	JORNALISTAS	MÍDIAS	JORNALISTAS INTERNACIONAIS	REPORTAGENS INTERNACIONAIS*
FSM 2001 - PORTO ALEGRE (25 a 30 /01/2001)	117	1870	764	386	130 em 27 mídias
FSM 2002 - PORTO ALEGRE (31/01 a 5/02/2002)	131	3356	1066	1.490	219 em 37 mídias

Fontes: Comitê Organizador do FSM www.forumsocialmundial.org.br; ATTAC www.attac.org; PROCERGS: www.procergs.gov.rs (*) Marlise Brenol (ufrgs/ppgcom/2003)

Comunicação e informação tornaram-se as duas mais importantes referências de entendimento planetário e único código de acesso comum. A comunicação viabiliza a globalização assim como ela própria é globalizada e cada vez mais hibridizada entre suas dimensões regional e internacional. A proliferação de meios e

redes aponta para uma crescente conexão e interdependência dos poderes o que se constitui na distinção desta época, como resultado da tecnologia desenvolvida pelas grandes guerras e do transporte entre os grandes negócios. A ampliação dos meios para sustentação de informações serve também ao fluxo de mercadorias simbólicas. Thompson (1998:144) relaciona quatro temas como fundamentais para dimensionar os padrões globais de comunicação: (1) a emergência de conglomerados transnacionais de comunicação como peças centrais no sistema global de comunicação e difusão de informação; (2) o impacto social de novas tecnologias, especialmente aquelas associadas à comunicação via satélite; (3) o fluxo assimétrico dos produtos de informação e comunicação dentro do sistema global; e (4) as variações e desigualdades no acesso às redes de comunicação global. Em meio a isso o FSM é constituído com autonomia e legitimidade para contestar.

A globalização é sustentada por complexos sistemas de trânsito de informações e dados, cujos suportes midiáticos se adaptam a qualquer tempo e espaço como suportes à veiculação de textos informativos, publicitários e de entretenimento. O mundo está interligado, *on line*, e as culturas podem ser identificadas (não necessariamente compreendidas) em quaisquer imagens. Os protocolos políticos, econômicos, culturais, individuais são firmados criando novas interdependências que devem ser visíveis e testemunhados por todos. Três grandes processos podem ser identificados nestas grandes transformações e, segundo Dreifuss (1997: 169), funcionam simultaneamente: a "globalização dos modos de produzir" (tecnológica, econômica e comercial); a "mundialização dos modos de viver" (social, de estilos, usos e costumes); a "planetarização dos modos de dominar" (político-institucional, militar e de gestão). Estes processos "superam" a nacionalidade e as bi-polaridades (interno-externo, centro-periferia, governamental-estrutural, estatal-privado).

As formas com que as sociedades se comunicam, com que os governos negociam dependem cada vez mais das técnicas e meios de comunicação, através das redes ou sob a denominação propaganda política, publicidade institucional, propaganda comercial, marketing

político e suas variações, relações públicas, comunicação dirigida. Sempre é a comunicação impressa, ou eletrônica, ou digital traduzida pela estética publicitária que determina inclusive a apresentação de órgãos informativos. A informação e a estética publicitária são as feições desta era. Mas não formas suficientes para contaminar as estratégias de visibilidade do FSM.

A globalização como ação e categoria interliga de qualquer maneira todo o planeta, depende essencialmente dos meios e linguagens do campo das comunicações interligando a humanidade e as organizações públicas e privadas em torno de um *sistema global de comunicações* que permitem conexões internacionais, como redes constituídas em torno da pesquisa, do planejamento, da criação, da produção, da emissão, do acesso e do retorno de dados e informações. Todas essas redes organizacionais são dependentes, política e economicamente, embora autônomas do ponto de vista da sua especificada e área de ação, ampliando cada vez mais o fluxo de informações, sem fronteiras. Este sistema abrange cinco redes interdependentes assim designadas: Redes Midiáticas de Comunicação (mídias, meios de comunicação de massa, organizações de comunicação massiva, através da produção e veiculação de mercadorias informativas, publicitárias e de entretenimento); Redes Privadas de Comunicação (computadores, Internet, telefonia, etc); Redes Institucionais de Comunicação (órgãos de regulação política, jurídicas, educacionais, religiosas e éticas, além de entidades de classe, instituições educacionais, religiosas, etc); Redes de Comunicação Mercadológica (empresas e agências de pesquisa, planejamento, produção e comercialização de produtos, através de *marketing* e propaganda) e Redes Tecnológicas de Comunicação (indústrias e empresas produtoras de suportes científicos e técnicos para todas as redes de comunicação).

No FSM, todas essas redes foram ativadas em benefício da realização e do acesso a informações que pudessem operacionalizar o evento. De modo restrito, evidentemente, a rede de Comunicação Mercadológica. Os modos e objetivos de utilização das redes pelo FSM indicam novos parâmetros retóricos e estéticos de análise, além das

relações diretas que as redes eletrônicas e digitais possibilitam. Um dos principais indicadores para a constituição do primeiro FSM foi o estabelecimento de uma rede entre entidades, movimentos, organizações públicas, não-governamentais e indivíduos que difundiram, mundialmente, objetivos e viabilizaram a existência do I Fórum, em Porto Alegre e, conseqüentemente, os demais. A importância desta rede vai se dar na medida em que a Rede Global de Comunicações não "adotará" esta idéia, com raras exceções em que as mídias noticiaram, assim como o Fórum não dependerá do sistema de propaganda.

Coloca-se aqui a relação direta entre um novo mundo a ser construído pelas redes como querem numerosos autores em abundante em bibliografia ou para possibilitar uma dominação mais sofisticada. O conceito de *sociedade em rede* em Castells (2000) é operado em todas as suas dimensões para a realização do FSM, especialmente o primeiro (2001). Trata-se de entender todo o sistema a serviço de um bem social com a rapidez e a capacidade agregadora só possíveis através da Internet. Poder-se-ia afirmar que sem este meio de comunicação o FSM não teria adquirido a potência hoje aferida. Especialmente, porque a mídia brasileira e internacional demorou a incluí-lo na pauta de grandes eventos, com exceções evidentemente. A partir da segunda edição é que isto vai acontecer e, na maioria dos casos, como fato exótico. Com o FSM é possível de visualizar a afirmação de Castells (p. 497) quando diz:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (...) essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a de interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder.

A viabilidade do FSM estava nas redes da Internet. Se a informação é a mercadoria de maior valor para a sobrevivência dos sistemas políticos e para os negócios, torna-se também para a constituição de um novo pacto mundial. Da mesma forma, a comunicação entre

sujeitos e organizações é cada vez mais vital para a circulação das mercadorias informativas e a sobrevivência da espécie, através do contato comunicacional que pode ratificar a idéia de pertencimento a uma cultura, uma etnia, ao mundo. Como afirma Maia, no texto sobre democracia e a Internet como esfera pública virtual (2002: 123):

no quadro da sociedade em rede, com as novas tecnologias da informação e da comunicação ultrapassando a perspectiva dos meios massivos e o monopólio da informação, o processo de aprendizagem social apontado anteriormente deve ser seriamente considerado. (...) Os membros da sociedade civil (...) podem definir e interpretar a própria situação diante de valores e compromissos divergentes (...) podem adotar uma posição mais crítica diante das situações dizem respeito aos seus próprios interesses, e destacar mais facilmente os elementos relevantes dos eventos ou dos discursos que circulam na sociedade, pela mídia, a fim de construir suas interpretações e planejar a ação.

A Internet ocupa um espaço determinante na configuração das novas sociabilidades e nas novas mobilizações sociais, ao estabelecer relações diretas e abrigar o debate e sua difusão.

Outra questão importante para ser analisada a partir do movimento do FSM é entendê-lo como um incontestável espetáculo. Neste sentido, traz à tona os argumentos que têm orientado a utilização deste termo para simplificar as relações entre estado, mídia e sociedade ou para classificar mais facilmente as novas configurações de visibilidade da política e da sociedade. Os grandes eventos, manifestações e emoções expressas no FSM ratificam a idéia de que não cabe mais a conformação desqualificadora que esta palavra possibilitava. Trata-se, ao contrário, de entender a força de espetacularização de um acontecimento e ao mesmo tempo a necessidade de visibilidade que lhe impõem a ocupação de espaço nos meios de comunicação. Como afirma Rubim (2003):

O espetáculo, portanto, não aparece como estranho à política, apesar do deslocamento acontecido. O estranhamento só aflora, quando se trabalha com uma concepção unilateral, redutora e simplista da política, concebida como atividade orientada apenas por sua dimensão argumentativa. Tal visão racionalista da política não se sustenta nem factual, nem normativamente. Para a política entendida como acionamento sempre combinado e desigual de dimensões emocionais, cognitivas e valorativas, estéticas e argumentativas, o espetáculo aparece como uma possibilidade de realização, dentre outras em cena.

No entanto a produção bibliográfica e as análises tentam manter para as grandes manifestações da política e da sociedade a alcunha de espetáculo no plano de desconstituição da sua força. A radicalidade de Debord [*A sociedade do espetáculo*], Debray [*O estado sedutor*] e Schwartzberg [*O estado espetáculo*] tem orientado essas análises, alijando qualquer possibilidade de o espetáculo ser necessário na disputa de espaço de visibilidade, ao afirmarem que ele substitui a própria realidade e a recria, assim como mascara a política.

O FSM é um espetáculo mundial e como tal criou tensões suficientes para se tornar visível e disputar espaço na mídia. Como tal se torna pela sua diversidade, abarca eventos de cunho social, religioso, culturais, artísticos utilizando todos os mecanismos de atração. Não é esta dimensão que lhe tira o caráter de seriedade ou que interfere na sua capacidade de defesa de interesses. Seja desfraldando a bandeira “um outro mundo é possível” pedindo paz [contra a Guerra do Iraque, em 2003] na Europa; quando milhares de pessoas cantavam *Imagine* [John Lennon] num estádio de futebol de mãos dadas ou quando essas mesmas pessoas, também de mãos dadas, aguardavam o nascer do sol à beira do rio (Rio Guaíba/P.Alegre) para celebrar um momento de sincretismo religioso. Passeatas, invasões e repercussão (como a que resultou na expulsão do ativista europeu, José Bové); ovações com as que receberam mandatários de países ditos “à esquerda” que junto são manifestações de apoio, de revolta, testemunhos e conferências que se misturam com experiências trazidas dos mais recônditos lugares do mundo, ao expor preconceitos, mutilações, ideologias e a fé e mobilizam todos os indicadores da espetacularidade. Assim também se impõem à visibilidade midiática.

A grandiosidade do FSM não permite que não haja espetáculo. Ao mesmo tempo, seus objetivos criam tensões entre os espaços destinados a um discurso tradicional nas mídias. Trata-se de reestudar a configuração do espetáculo como resultante das dimensões e da necessidade de visibilidade. A própria participação da população vai determinar a sua existência. Não se exclui, evidentemente, a capacidade manipulatória dos poderes e a produção de espetáculos,

mas até isto dependerá da aceitação, da aceitação do convite por parte dos sujeitos chamados.

O FSM tornou-se um grande espaço para a pesquisa sobre estas questões, onde a latência de novas relações, novos movimentos, novos modos de comunicação pública coloca em evidência conceitos de esfera pública e de espetáculo e a conseqüente necessidade de estudá-los. Trata-se de entender o poder desse espaço de representação da humanidade ao largo do Parlamento e dos governos, mas que pode tensionar suas decisões. Através das centenas de eventos gerados pelo FSM torna-se importante repensar os conceitos de espetáculo político e espetáculo social, a partir de uma tipologia que inclua as novas configurações e movimentos da política diante da força e da abrangência da estética da propaganda e das mídias, especialmente, a televisão; os processos de conquista de votos e opiniões; as estratégias para obter visibilidade e repercussão e a nova sociabilidade contemporânea diante dos rearranjos culturais, dentre outros aspectos.

A questão essencial sobre o espetáculo parece residir na sua visibilidade e na potência da sua imagem (visual e conceitual) para que objetivos e temáticas repercutam. O resgate sobre as demonstrações de poder identificáveis em todas as culturas, em todas as formas de celebrar a vida e a morte, são indicadores de que a sobrevivência de determinadas lutas, projetos políticos e embates públicos necessitam da *cena pública*, da espetacularização para forçar a entrada no mundo delimitado por interesses privados e assim provocar repercussão, desequilibrar. Com esse pensamento é possível afirmar que o espetáculo Fórum Social Mundial permite diferenciar o uso teórico e as práticas de conceitos como mediação, midiatização e espetacularização quando se trata de entender as relações entre meios de comunicação, sociedade e da política. O FSM provoca o pensamento, em vários sentidos. Significa separar aquelas mídias cuja estrutura empresarial e editorial atingem o grande público como produto editorial e de consumo. Na sua absoluta maioria sustentada pelos investimentos publicitários. Quando estas mídias registram e acompanham um determinado acontecimento, o fazem por genuínos

interesses editoriais, ou por motivações político-ideológicas, pactos econômicos, etc. Neste sentido seu poder de atribuir visibilidade será exercido como partícipe deste acontecimento. É este o momento que podemos falar de *mediatização*. Trata-se do acontecimento atravessado pela mídia, para além da simples veiculação. Ao aplicar o conceito de *mediação* preservam-se os modos de comunicação direta, de mídias como a Internet em que a circulação de informações dependerá de um acesso e aceite para ser mantida.

Com o FSM são passíveis de identificação os processos de *mediação* via grupos e organizações e Internet e aqueles da *mediatização*, especialmente a partir do II FSM quando os meios de comunicação massivos passam a olhar o evento. O FSM permite discutir esta divisão e testá-la. É possível identificar a estratégica separação entre as informações e acontecimentos atravessados pelas mídias e assim *mediatizados* e aqueles que subsistem às redes do Sistema Global de Comunicações mas tem meios próprios de comunicação em larga escala e estabelecem modos de comunicação direta, através de diferentes *mediações*. Como um dos importantes poderes, as redes de comunicação atravessam todas as áreas de conhecimento, traduzem todos os textos, criam outros e outras imagens. Estabelece, assim, lógicas de funcionamento da comunicação entre os homens, entre as organizações e entre as nações provocando sua interdependência, através de estatutos e dimensões tecnológica e discursivas, outorgando-lhe um espaço único na história da humanidade. Mas há um movimento comunicacional que depende das relações diretas, não *mediatizadas*, depende da prática política, do debate e das conversações. Uma comunicação mediada sem as mídias de massa e seus interesses específicos. Trata-se de entendimentos mais do que repercussão. Da comunicação possível sem a exigência da disputa por visibilidade.

São tangíveis as diferenças entre *mediações*, *mediatizações* e *espetacularização*, na medida em que o espetáculo da política e da sociedade podem ser entendidos como tensões de visibilidade. Como transformação dos grandes rituais e cerimônias que acompanham a história do homem, das religiões e da política e o exercício do poder.

Neste sentido, a espetacularização como a demonstrada pelo FSM aponta para a idéia de que é possível acoplar todos os indicadores das espetacularização (dramatização, participação do espectador, cenografia e midiaticização) sem que a natureza do evento seja contaminado pelos interesses de mercado. Ou melhor dizendo, sem que o espetáculo perca sua dimensão social e política por ter sido espetacularizado. No FSM convivem eventos de natureza folclórica, financeira, de jogos a cerimônias religiosas e shows.

As relações estabelecidas pelo FSM, nos planos políticos, sociais e culturais abrem perspectiva para o debate sobre os modos de pertencimento do ser humano na sociedade global e local. Traz à tona a possibilidade de ratificar etnias, identidades, culturas e criar tensões para sejam ouvidas as diferenças, a partir de um lugar longínquo dos governantes ou dos parâmetros econômico-políticos internacionais. Isto seduz e surpreende, simultaneamente, a humanidade (que reaprende a falar para ser ouvida) e os poderes constituídos (porque são obrigados a ouvir esta fala).

É a partir dessa inferência preliminar e do poder do Fórum Social Mundial que são apontadas questões que podem ser transformadas em teses para a área da comunicação, especialmente, as relações estratégicas de poder entre mídia, política e sociedade, a construção da imagem pública e a visibilidade da humanidade exercendo cidadania.

O texto pode encerrar com duas afirmações polarizadas entre a poética (Veríssimo) e a política (Bauman), entre dois discursos opostos quanto à circulação e acesso. Nesse forjado diálogo entende-se que a comunicação produzida pelo Fórum Social Mundial é uma tentativa de responder às dores do mundo, com a divulgação de uma possível solidariedade.

Nesse sentido pode-se iniciar a resposta e somar outras dúvidas complexas junto às dúvidas e à melancolia de Bauman (2000:61) que sob o título "A pacificação dos planetas dos homens" afirma:

Não que tenhamos perdido a humanidade, o encanto e o calor que era fácil de ser alcançado por nossos ancestrais; antes, é que nossas dificuldades são de um tipo que só em raras ocasiões podem

ser curadas ou aliviadas pela partilha de sentimentos mesmo os mais calorosos. Os sofrimentos que costumamos experimentar a maioria das vezes não se somam e portanto não unem suas vítimas. Nossos sofrimentos dividem e isolam, nossas misérias nos separam, rasgando o delicado tecido das solidariedades humanas.

Também é possível uma outra resposta e registrar a surpresa otimista de um cronista de opinião longínqua da ciência. Luiz Fernando Veríssimo (2001) afirma na crônica Parâmetro Humano que o Ser Humano é a medida de todas as coisas. Pelo tamanho do Ser Humano se mede a vastidão do Universo, assim como pelo palmo e a braça se começou a medir a Terra. (...) O que aconteceu nestes cinco dias históricos de Porto Alegre foi uma tentativa de resgatar o parâmetro humano. Se houve ações mais fortes, elas se justificam pelo princípio jurídico da auto-defesa, pois estava-se defendendo a saúde do planeta, ou pelo princípio teatral da ação simbólica. O principal foi que falou-se muito, e o que se falou foi ouvido no mundo inteiro. Se não foi entendido no mundo inteiro, não faz mal. A intenção era apenas mostrar que seres humanos não abdicaram da sua função, que o retorno de capital ainda não é a medida de todas as coisas do mundo. E afinal, este foi apenas o primeiro Fórum Social Mundial. Nos próximos, falaremos mais claro.

Um outro mundo é possível dizem os dirigentes e participantes do Fórum Social Mundial, desde 2001. Acreditam as organizações participantes e acreditam aqueles que desconfiam da ordem estabelecida, da lógica do consumo e da pseudo-igualdade político e econômica apregoadas no discurso da globalização.

Referências

ABIN, C. et al. *Porto Alegre (Foro Social Mundial 2002 – una asamblea de la humanidad*. Barcelona (ES). Icaria/ Mas Madera/ IPS, 2002.

AGÊNCIA CARTA MAIOR. III Fórum Social Mundial. São Paulo: Carta Maior Publicações e Promoções, 2004.

BATALHA, E. *A mídia altermundialista: a participação de Le Monde Diplomatique no Fórum Social Mundial*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH/Programa de Mestrado em Relações Internacionais, 2006 (dissertação).

- BAUMAN, Z. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAUCHAMP, M. et al. *Communication Publique et Société – repères pour la réflexion et l’action*. Québec: Gaëtan Morin Éditeur, 1991.
- BELLO, W. *Porto Alegre versus Davos*. In: ABIN, Carlos et alii. *Porto Alegre (Fórum Social Mundial 2002) – uma assembleia de la humanidad Porto*. Barcelona (ES). Icaria/ Mas Madera/ IPS, 2002.
- BERGER, C. A reestruturação da política em tempos midiáticos. *Revista InTexto*. Porto Alegre: UFRGS/ PPGCOM ([http//.www.ppgcom.ufrgs.br](http://.www.ppgcom.ufrgs.br)), 2004.
- BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.
- BOBBIO, N. *O futuro da Democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- BRENOL, M. *Fórum Social Mundial: um espetáculo da sociedade e outro da mídia*. Porto Alegre: UFRGS/PPGCOM, 2004 (dissertação de mestrado)
- CANCLINI, N. *Consumidores e Cidadãos - Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ Ed., 1995.
- CASSEN, B. *Tout à commencé à Porto Alegre: Mille forums sociaux!*. Paris: Mille et un Nuits, 2003
- CASTELLS, M. *A sociedade em Rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*; V.I. 3ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CATTANI, A. *Fórum Social Mundial. A construção de um mundo melhor*. Petrópolis(RJ): Vozes/ Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- CHAMPAGNE, P. *Formar a Opinião: o novo jogo político*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHESNEAUX, Jean. *Modernidade-Mundo (Brave Modern World)*. Petrópolis/RJ: Vozes Ed., 1995.
- DAYAN, D.et KATZ, E. *Le grandi cerimonie dei media – La storia in diretta*. Bologna: Barkerville, 1993.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Afrodite, Lisboa. 1967
- DEBORD, G. *Comentarios sobre la sociedad del espectáculo*. Barcelona: Anagrama, 1990.
- DEBRAY, R. *O Estado sedutor*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.
- DREIFUSS, R. A .Corporações Estratégicas e Mundialização Cultural In: MORAES, Dênis (org). *Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea*, Campo Grande: Letra Livre, 1997

EDELMAN, M..*La construccion del espectaculo politico*. Argentina: Manantial, 1991.

FEATHERSTONE, M. *Cultura Global- Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL - www.forumsocialmundial.org.br

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e "media" II: com Habermas contra Habermas. In: RUBIM, A.et.al (org). *Produção e recepção dos sentidos mediáticos*. Petrópolis (RJ): Vozes/Compós, 1998. p.155-186.

GOMES, W. *As transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo:Paulus, 2004.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. G. Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HOBBSAWM, E. *A era dos extremos (o breve século XX - 1914- 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras,1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. *Fórum Social Mundial: raio x da participação do FSM 2005 - elementos para o debate*. São Paulo: IBASE, novembro de 2005.

JAMESON, F. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna - Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

LASCH, C. *La rebelión de las elites y la traición a la democracia*. Barcelona: Paidós-Ibérica, 1996.

LATOUCHE, S. *A ocidentalização do mundo - ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LIPOVETSKY, G. *O Crepúsculo do Dever - a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

MAIA, R. Democracia e a Internet como esfera pública virtual - aproximando as condições do discurso e da deliberação. In: MOTTA, Luiz... et al.. *Estratégias e Culturas da Comunicação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.107-128.

MINA, G. *Um outro mundo é possível: propostas do Fórum Social Mundial de Porto Alegre para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORAES, D. (org). *Por uma outras comunicação* – mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAMONET, I. Em Porto Alegre están representados 5.000 millones de personas. In: *Porto Alegre (Foro Social Mundial 2002) –uma assemblea de la humanidad*. Barcelona (ES). Icaria/ Mas Madera/ IPS, 2002.

RUBIM, A. C. *Comunicação e Política* – conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004

SANTOS, Milton et al. *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.

STEIL, Carlos A . Estado, Movimentos Sociais e ONGs: a Guerra Fria e a globalização como cenários de compreensão da realidade social. *Humanas: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências do Homem / UFRGS, IFCH "Projetos Sociais"*. Porto Alegre: IFCH Vol.16, no.1, p9-16, jan./jun. 1993.

VERÍSSIMO, L. F. *Parâmetros Humanos* in: Zero Hora, pg.3, 27.01.2001.

WEBER, M.H. *Comunicação e Espetáculos da Política*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

WHITAKER, Francisco. *Fórum Social Mundial: origens e objetivos* In: www.forumsocialmundial.org acessado em 20 de agosto de 2003.

Notas

¹ Artigo revisado e ampliado a partir do texto *Provocações da Comunicação do Fórum Social Mundial* apresentado no III Colóquio Brasil-Itália, no INTERCOM, em Belo Horizonte, 2/9/2003. Colaboração na obtenção de dados de Camila Becker (bolsista PIBIC/UFRGS).

² Referência a Jameson (1996)

³ Em 2005 tanto o estado (RGS) como a cidade eram governados, respectivamente, pelos partidos PMDB e PPS que apoiaram a iniciativa.

⁴ Categoria desenvolvida pela autora.

⁵ Movimento nascido na França, em 1997, que defende a idéia de cobrança de 0,1% sobre quaisquer transações financeiras internacionais que seria devolvida à sociedade, a Taxa Tobin (James Tobin).

⁶ Carta de Princípios do Fórum Social Mundial: "O Comitê de entidades brasileiras que idealizou e organizou o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, considera necessário e legítimo, após avaliar os resultados desse Fórum e as expectativas que criou, estabelecer uma Carta de Princípios que oriente a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por todos que queiram participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial, consolidam as decisões que presidiram a realização do Fórum de Porto Alegre e asseguraram seu êxito, e ampliam seu alcance,

definindo orientações que decorrem da lógica dessas decisões. 1. O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra. 2. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um evento localizado no tempo e no espaço. A partir de agora, na certeza proclamada em Porto Alegre de que “um outro mundo é possível”, ele se torna um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apóie. 3. O Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial. Todos os encontros que se realizem como parte desse processo têm dimensão internacional. 4. As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de todos os cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos. 5. O Fórum Social Mundial reúne e articula somente entidades e movimentos da sociedade civil de todos os países do mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial. 6. Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretendiam ser de todas as seus/suas participantes. As participantes não devem ser chamadas a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que as engajem a todas ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui portanto em instância de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem. 7. Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido. 8. O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo. 9. O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades físicas, desde que respeitem esta Carta de Princípios. Não

deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta. 10. O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro. 11. O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de idéias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países. 12. O Fórum Social Mundial, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações. 13. O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades. 14. O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário. Aprovada e adotada em São Paulo, em 9 de abril de 2001, pelas entidades que constituem o Comitê de Organização do Fórum Social Mundial, aprovada com modificações pelo Conselho Internacional do Fórum Social Mundial no dia 10 de junho de 2001. www.forumsocialmundial.org.br acessado em 20/08/2006.

⁷ O Conselho Internacional do FSM é constituído pelo Comitê Organizador Indiano, Antigo Comitê Organizador Brasileiro e delegados representantes das seguintes instituições: de *50 Years is Enough!*, ABONG - Associação Brasileira de ONGs, ACTU - *Australian Council of Trade Unions*, AFL-CIO - *American Federation of Labor-Congress of Industrial Organizations*, *Africa Trade Network*, AIDC - *Alternative Information on Development Center*, ALAI - *Agencia Latinoamericana de Informacion*, ALAMPYME (Assoc. Latino Americana de Pequenos e Médios Empresários, Aliança Por Um Mundo Responsável e Solidário, ALOP - Assoc. Latino Americana de Organismos de Promoção, *Alternative Information Center*, Amigos da Terra, APRODEV, *Arab NGO Network for Development*, ARENA - *Asian Regional Exchange for New Alternatives*, *Articulación Feminista Marco Sur*, ASC - Aliança Social Continental, Associação para o

Progresso das Comunicações, *Assemblée Européenne des Citoyens*, Assembléia das Nações Unidas dos Povos, *Assembly of the Poor*, ATTAC- Brasil, ATTAC France, *Bankwatch Network*, CADTM- *Comité pour l'Annulation de la Dette du Tiers Monde*, *Canadian Council*, *Caritas Internationalis*, CBJP - Comissão Brasileira de Justiça e Paz, CEAAL- Conselho de Educação de Adultos da América Latina, CEDAR Internacional, CEDETIM - *Centre d'Études et de Initiatives de Solidarité Internationale*, *Central de Trabajadores Argentinos*, CES - *European Trade Union Confederation*, CETRI, CIDSE, CIOSL - Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres, CIVES, CLACSO, CLC - *Canadian Labour Congress*, CMT -Confederação Mundial do Trabalho, CONAIE, Congresso Nacional Indígena do México, Conselho Mundial de Igrejas, *Coordinación del Foro "El Otro Davos"*, Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul, *Corpwatch*, COSATU - *Congress of South African Trade Unions*, CUT - Central Única dos Trabalhadores, *Encuentros Hemisféricos contra el ALÇA*, ENDA, FAMES, FECOC - Frente Continental de Organizações Comunitárias, FIAN - *Food First International Action Network*, FIDH - Fed. Internacional Direitos Humanos, FNTG - *Funders Network on Trade & Globalization*, *Focus on the Global South*, *Eurolat*, Fórum Dakar, *Forum of the Poors*, Fórum Social Italiano, *Global Exchange*, *Global Policy Network*, *Greenpeace*, Grito dos Excluídos, *Habitat International Coalition*, IATP - *Institute for Agriculture and Trade Policy*, IBASE, ICAE - Conselho Internacional de Educação de Adultos, IFAT - *International Federation of Alternative Trade*, IFG - *International Forum on Globalization*, *International Gender and Trade Network*, *International Rivers Network*, IPS - *Inter Press Service*, *Jubilee South - Asia*, *Jubileo South - África*, Jubileu 2000, Jubileu Sul América Latina, KCTU - *Korean Confederation of Trade Unions*, KOPA, *Land Research Action Network*, MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Narmada, NIGD - *Network Institute for Global Democratization*, *North-South Centre*, OCLAE - *Continental Organization of Latin America and Caribbean Students*, *Oneworld*, ORIT - Org. Regional Interamericana de Trabalhadores, OXFAM Internacional, *Plataforma Interamericana de Derechos Humanos*, *Democracia y Desarrollo*, *Public Citizen*, Rede Latino-americana Mulheres Transformando a Economia, Rede APM - *Agricultures paysannes, sociétés et mondialisation*, Rede Dawn de Mulheres, Rede de Solidariedade Ásia Pacífico, Rede Global de Socioeconomia Solidária, Rede Latino Americana e Caribenha de Mulheres Negras, Rede Mulher e Habitat, Rede Mundial de Mulheres pelos Direitos Reprodutivos, Rede Palestina de ONGs, Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, Rede Transforme!, REPEM - Rede de Educação Popular entre Mulheres, SIGTUR - *Southern Initiative on Globalisation and Trade Union Rights*, *Social Watch*, *Solidar*, TNI - *Transnational Institute*, TWN - *Third World Network*, *All Arab Peasants & Agricultural Co-operatives Union*, *Via Campesina*, *World March of Women e Znet*. O FSM conta ainda com a categoria observadores constituída pelas seguintes instituições: Comitê Organizador do Fórum Social Africano, Comitê Organizador do Fórum Social Américas, Comitê Organizador do Fórum Social Europeu, Comitê Organizador do Fórum Social Mediterrâneo, Comitê Organizador do Fórum Social Pan-Amazônico, Comitê Organizador do Fórum Social Temático: Democracia, Direitos Humanos, Guerras e Narcotráfico e Comitê Organizador do Fórum Social Temático Palestina.

⁸ Relação de instituições ligadas à sustentação e à promoção do FSM: *Ação da Cidadania contra a Fome e pela Vida*, São Paulo (Brasil); *Agir ensemble contre le Chomage* - AC! - (França); *Agremiación de Funcionarios de la*

Universidad de la República - AFFUR (Uruguay); Alianza Social Continental (toda América); Alternative information and development center (South Africa); Alternatives (Canada); Amigos de la Tierra Internacional; Ananda Marga (Sudamérica); ARCI (Italy); Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (Brasil); Asamblea Permanente por los Derechos Humanos (Argentina); Asociación Sindical de Profesionales de la Salud de Buenos Aires (Argentina); Associação potiguar amigos de natureza (Brasil); Associazione per la pace (Italy); Associazione Ya Basta (Italy); Associone Nazionale Artisti-Artigiani di Strada (Italy); Assozione Culturale Punto Rosso (Italy); ATTAC (Argentina, Brasil, France, Rússia, Suisse, Uruguay, Catalunya (Spain); Bloque Social Alternativo - Comité de Integración del Macizo Colombiano; Cambodian Human Rights & Development Association (Cambodia); Campaign for popular democracy thailand); Carta del cantieri sociali (Italy); Casa diritti sociali (Italy); Central de Trabajadores Argentinos - CTA; Central dos Movimentos Populares CMP (Brasil); Central Independiente de Obreros Agrícolas y Campesinos (México); Central Única dos Trabalhadores (Brasil); Centre Tricontinental, Louvain-La-Neuve, Belgique; Centro cultural 25 de abril (Brasil); Centro de Estudios e Assessoria em Política Públicas - CEAPP, (Brasil); Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul CPERS (Brasil); Centro Felix Varela (Alemania); Centro Felix Varela (Cuba); Centro Novo Modello di Suiluppo (Italy); Centrostudi Internazionali Milano (Italy); Cetim (Suisse); CIPSI (Italy); Coalición de Organizaciones Democráticas Urbanas y Campesinas CODUC (México); Comisión Independiente de Derechos Humanos de Morelos (México); Comitato anti WTO Abruzzo (Italy); Comité de l'appel de Bangkok (Suisse); Comité de proyectos de comercio solidario (Italia); Comité pour l'annulation de la dette du Tiers monde (Belgique); Comunità impegno servizio volontario (Italy); Confederação Nacional dos Bancários - CNB/CUT (Brasil); Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação CNTE (Brasil); Confederación General del Treball CGT (Illes Balears, España); Confederación de Organizaciones de Funcionarios del Estado COFE (Uruguay); Confederacion General del Trabajo (CGT - disidente) de la Republica Argentina; Confederation des Syndicats Nationaux Quebec (Canadá); Confederazione Cobas (Italy); Congreso Nacional Indígena (México); Consorcio italiano di solidarietà (Italy); Consulta popular (Brasil); Contato Italiano Per L'acqua (Italy); Cooperativa MAG Financera (Italia); Coordinación Nacional de Organizaciones Campesinas CNOC (Guatemala); Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo - CLOC (América Latina); Coordinadora Nacional Plan de Ayala - CNPA (México); Coordinamento Asociación Pacfiste Venecia (Italy); Coordinamento Lombardo Antiwito (Italy) CREA/RS (Brasil); Dialogo 2000 (Argentina); Diverse Women for Diversity (Índia, México, Europa); Droit au logement (France); Espaces Marx (France); Fala Preta Organização de Mulheres Negras (Brasil); FASE (Brasil); Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado do Ceará Fetrace (Brasil); Federação Nacional dos Sociólogos (Brasil); Federation international syndicale de l'enseignement (France); Federazione sindacale unifie (France); Feministas del movimiento social de mujeres de Argentina; Feriwalá Vikas Mahasangh (India) Fisics per al desenvolupment (Spain); Focus on the global south thailand); Fórum Brasileiro de ONGs de Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Brasil); Forum Mondial des Alternatives, Dakar, Senegal; Fórum Mondiale Alternative Itália (Italy); France Amerique Latine (France); France Libertes (France); Fundação para o Desenvolvimento da Juventude Rural

(Brasil);Fundación genero y sociedad (Argentina)Fundación José María Llorens (Argentina);Gamins de l'Art rue (France);Grupo de Apoyo Mbya Guaraní (Paraguay);Grupo de Reflexión Rural (Argentina);Grupo para la contra información sobre la América Latina (Grecia);Grupos de estudiantes solidarios (Argentina);Hemen eta munduan - iniciativa popular de euskal herria Holy cross justice commission;Instituto Olga Benario Prestes (Brasil);Instituto Terrazul (Brasil);Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas IIEP (Brasil); INTERFOROS (Honduras);Intersindical Alternativa de Catalunya (España);Intersocial Montevideo (Uruguay);Japan Network on Debt and Poverty (Japan);Jubileo sur;Juventude avançando (Brasil);Korean Catholic Coalition for Alternative Economics (Korea);Korean Confederation of Trade Unions - KCTU - (Korea);Korean Farmers League (Korea);Kopa - Korean organisation against free trade (Korea);KPA - Consortium for agrarian reform (Indonesia);Labour Coordinating Center thailand);Labor Working Group (Indonesia);Lavoro societa - Cgil (Italia);Lega Ambiente (Italy);Lega Italiana per la Lotta Contro L¹AIDS (Italy);Les Penelopes (France);Liberazione (Italy);Ligue Internationale pour les Droits des Peuples, Rome, Italie Loro Yunounu Sangh (India);Lunaria (Italy);Madres de Plaza de Mayo - Linea Fundadora (Argentina);Marche mondiale des femmes contre les violences et la pauvreté;MNCP (France);Movimento de Educação Popular e Direitos Humanos (Brasil);Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Rio Grande do sul (Brasil);Movimento dos Atingidos por Barragens MAB (Brasil);Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil);Movimento laici America Latina (Italy); Movimiento de Educación Popular e Derechos Humanos (Brasil) Movimiento de mujeres agriculturas;Movimiento dos conselhos populares (Brasil);Movimiento unido de solidariedade para Colômbia;Mujeres de México, Chihuahua (México);Multisectorial de Mujeres (Argentina)Narmada Bachao Andolan - NBA - (India);Network for the political and social rights (Grecia);Organización Regional Interamericana de Trabajadores - ORIT (toda América);Organizaciones Multisectoriales de Mujeres (Argentina);Pastoral da juventude rural do Brasil;Paz y tercer mundo (Spain);Rete Contro G8 (Italy);Project for ecological recovery - PER - thailand);Radio Citta Pescara (Italy);Red ciudadana para la abolición de la deuda externa (Spain);REDES (Red de Ecología Social);Amigos de la Tierra (Uruguay);Rete di Lilliput (Italy);Rete radie resch (Italy);Revista Cuadernos del Sur (Argentina);Revista Thesseis (Grécia); Rivista Altra Economia ((Italy); Sempreviva Organização Feminista (Brasil); Servicio Jurídico Integral para el Desarrollo Agrário; Servicio paz y justicia en America Latina; SIN Cobas (Italy); Sind. Nacional dos Trabalhadores do Banco Central do Brasil SINAL; Sindicato de Profesionales de la Salud de Buenos Aires (Argentina); Sindicato de Sociólogos do Est. de RS (Brasil); Sindicato de trabajadores sociales de Paraguay; Sindicato dos Químicos de Osasco e região, São Paulo (Brasil);Sindicato dos Químicos de São Jose dos Campos (Brasil);Sindicato dos Rodoviários de Cachoeirinha, RS (Brasil);Sindicato dos Servidores Civis nas Forças Armadas do RJ (Brasil); Sindicato dos Sociólogos do Est. de SP (Brasil); Sindicato dos Trabalhadores da Universidade de Brasília (Brasil); Sindicato dos Trabalhadores Federais em Saúde, Previdência e Seguridade Social (Brasil); Sindicato dos Trabalhadores Urbanitários no Distrito Federal (Brasil); Sindicato Nacional dos trabalhadores dos Institutos de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário (Brasil); Sindicato Servidores Municipais Caxias do Sul RS (Brasil); Sind-Saúde-MG (Brasil); SUD-PTT (France) Syndicat national de

l'enseignement superieur (France); Tandem sur norte (Argentina, Francia, Brasil); Telang Ana Front (India); Transnational Institute - TNI - (Netherlands); Tribunal Ético contra la Impunidad (Paraguay); Tutti Altra Arte (Italy); Union de Mujeres de la Argentina - UMA; Unión Nacional de Organizaciones Regionales; Campesinas Autónomas UNORCA (México); Unione Italiana Spor Per Tutti (Italy); Via campesina; Vida, si! (Argentina); WINFA (Caribbean farmers, West Indies); World Rainforest Movement; Youth Unity & Voluntary Action- YUVA - (India).

⁹ Termos encontrados especificamente, nas obras de Ortiz (1994:14) e Ianni (1996:15-6), tais como: aldeia global, fábrica global, terra-pátria, nave espacial, nova babel, primeira revolução mundial, terceira onda, sociedade informática, sociedade amébrica, economia-mundo, sistema-mundo, shopping center global, Disneylândia global, moeda global, cidade global, capitalismo global, cidade global, mundo sem fronteiras, tecnocosmo, desterritorialização, miniaturização, hegemonia global, fim da geografia, fim da história, sociedade global, ocidentalização do mundo, comunicação-mundo etc.

¹⁰ dentre os quais: (...) relações internacionais, geopolítica, integração regional, (...) nova divisão internacional do trabalho, três mundos, quatro mundos, Guerra Fria, fim da Guerra Fria, fim da história, (...) norte e sul, ONU, UNESCO, UNICEF, FAO, FMI, BIRD, GATT, OTAN, NAFTA, MERCOSUL, Casa da Europa, Estados Unidos da Europa, espaço europeu, espaço do Pacífico, imperialismo, pós-imperialismo, dependência, nova dependência, interdependência, multilateralismo, multinacional, transnacional, ascensão e queda das grandes potências, Ocidente e Oriente, ciclo Kondratieff, telecomunicações, mídia mundial, indústria cultural, cultura internacional popular, marketing global, globalização, fragmentação, novo mapa do mundo, modernidade mundo, pós-modernidade

¹¹ Esta referência integra pesquisa em desenvolvimento sobre as Reapresentações da cidade de Porto nos espaços político, midiático e acadêmico. Pesquisa realizada com a bolsista voluntária Josemari de Quevedo.

¹² A pesquisa de Brenol (2003) incluiu a repercussão do FSM com análise de enquadramentos nos jornais New York Times (Estados Unidos), *The Globe and Mail* (Canadá), *El Nacional* (Venezuela) Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Zero Hora, o principal jornal da região de realização do FSM, no período de 24 de janeiro a 8 de fevereiro de 2002. A título de exemplo cabe citar que o FSM gerou 3 (reportagens) no New York Times; 1 (uma) no *The Globe and Mail* e 11 no *El Nacional*. No Brasil, o maior número (justificadamente) é de Zero Hora com 192 matérias, seguida pela Folha de São Paulo com 47 e o O Estado de São Paulo (São Paulo) com 34 matérias.

